

QUILOMBOLAS ATINGIDOS PELA  
EXPANSÃO DO DENDÊ NO PARÁ



# boletim informativo

SETEMBRO  
2014

9

## GUERRA DO DENDÊ

**NOVA CARTOGRAFIA  
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

PROJETO

**Mapeamento  
Social**

como Instrumento  
de Gestão Territorial  
contra o Desmatamento  
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS  
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



*boletim informativo*

NÚMERO 9. AGOSTO 2014

**COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO**

Alfredo Wagner Berno de Almeida

**ORGANIZAÇÃO DA EDIÇÃO**

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

UFPA-NAEA/UNAMAZ

Maria Backhouse

Frei Universität Berlin

**COLABORADORES**

Joseline Simone Barreto Trindade

UNIFESSPA

Irislane Pereira de Moraes

UNIFAP

Fernando Luiz Costa da Silva

UNIFESSPA - Educação no Campo, CPT

Rita de Cássia Pereira da Costa

UNIFESSPA

Ocimar Carvalho de Vasconcelos

Ruben Bentes de Oliveira Acevedo

UFSC

Deize Lopes Mello

UFPA

Manoel Clauderi da Luz

UFPA- Campus de Marabá

**FOTOGRAFIA**

Maria Backhouse

Rosa Acevedo

Fernando Luiz Costa da Silva

Ocimar Carvalho de Vasconcelos

Irislane Pereira de Moraes

**MAPA**

Rosa Acevedo

Ulisses Guimarães

Irislane Pereira de Moraes

**DESIGN E PROJETO GRÁFICO**

Casa 8

Os quilombolas de Concórdia do Pará e Bujaru tem a memória afetuosa do senhor Tibúrcio Valino da Costa - falecido em 02 de abril de 2012 - que se dedicou com constância e convicção na luta pelo território, pela preservação dos conhecimentos tradicionais, na construção da Casa Farinha Coletiva. Quilombolas e pesquisadores lhe rendem homenagem neste Boletim, que foi a última atividade realizada contando com sua presença.

**Senhor Tibúrcio Valino da Costa, Comunidade Santo Antonio, durante oficina realizada para debater a expansão do dendê**



## O que representa para quilombolas e agricultores familiares a expansão do dendê na Amazônia e no Pará?

Com o lançamento do Programa Nacional de Produção Sustentável de Óleo de Palma, em Tomé-Açu, o Pará é antevisto como o futuro centro de produção do dendê no Brasil. Neste, é proposto o aumento em mais 215 mil hectares na área plantada de dendê no Estado, com investimento previsto de 330 milhões de reais. Este e o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) são projetos estratégicos do Governo Federal para produzir combustível “verde/limpo” para o consumo interno e para a exportação.

O Programa Nacional de Produção Sustentável de Óleo de Palma é ainda justificado por reutilizar terras supostamente “degradadas” ou “antropizadas”; erradicar a pobreza; promover a inclusão da agricultura familiar na produção de dendê e “desenvolver” a região toda através de criação de empregos nas grandes plantações, nos projetos de infraestrutura e nas refinarias.

No Nordeste Paraense e Baixo Tocantins são 47 municípios inseridos no Polo



Dendê. Os quilombolas, ribeirinhos, assentados, trabalhadores, agricultores e movimentos sociais observam e registram com preocupações o avanço de empreendimentos da indústria de dendê. Eles nunca foram consultados se eram a favor deste tipo de “mega-projeto de desenvolvimento”. A implantação dos projetos é realizada sem audiência pública ou campanha informativa dirigida a esses grupos, mesmo que em muitos casos ameace seus direitos territoriais e esteja contra a legislação ambiental. Além disso, existem dificuldades para obter informações sobre as estratégias empresariais, do próprio Estado e, sobretudo, para analisar as implicações sociais e ambientais da monocultura de dendê.

O objetivo deste Boletim é produzir, junto aos quilombolas que ocupam tradicionalmente as terras situadas na “fronteira” de áreas de monocultivo de dendê, uma reflexão sobre os conflitos que advêm deste tipo de empreendimento do agronegócio. Destacar, por meio de mapeamento, os impactos sociais e ambientais das plantações do dendê sobre seus territórios localizados

nos municípios de Moju, Bujaru, Concórdia do Pará e São Domingos do Capim. O foco é realizar uma troca de informações e experiências os efeitos sociais e ambientais do cultivo dessa palmeira.

Os estudos iniciaram em 2007-2008 com o registro de realidades localizadas nos municípios de Moju e Concórdia do Pará, que evidenciavam o início do cercamento ou ilhamento de comunidades quilombolas pelas plantações em grande escala do dendê. Ainda não havia sido desencadeada a fase explosiva, bem mais recente.

Durante o primeiro semestre de 2011, pesquisadores e colaboradores articulados no Projeto Nova Cartografia Social, ampliaram o levantamento de informações em fontes escritas diversas, mas, de forma especial, procederam a realizar pesquisa em comunidades quilombolas com a finalidade de produzir este Boletim Informativo, reunindo dados e falas diversas que permitem uma reflexão ampla sobre os “atingidos” por estes empreendimentos do agronegócio. Em 2013 foram realizados dois eventos no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos para

abordar o monocultivo do dendê: o primeiro, dia 27 de junho de 2013, com a Mesa Debate “Impactos socioambientais e violação de direitos provocados pela expansão do dendê: as experiências na América Latina” (palestrante Elizabeth Dias – do Movimento Mundial pelos Bosques Tropicais – WRM); segundo o seminário de pesquisa “Os impactos sociais e ambientais dos investimentos em dendê no Pará” realizado no dia 21/10/2013 o qual reuniu estudantes, pesquisadores, lideranças quilombolas, associações, entidades que debateram os investimentos das empresas “antigas” e “novas” no setor e privilegiadas na Política Nacional de Produção de Produção Sustentável de Óleo de Palma – PSOP (2010), motor desse avanço e das metas de aumento dos cultivos nos Polos de Produção definidos no Zoneamento Agroecológico.

### Políticas (inter) nacionais de biocombustíveis

Em muitos países, biocombustíveis fazem parte de estratégias políticas na área de energia, agronegócio e segurança climática. Eles são promovidos como uma saída sustentável do pico da produção de petróleo e são discutidos como “estratégias de desenvolvimento” para o campo em países de África, Ásia e América do Sul. A introdução de cotas na União Européia, nos Estados Unidos, Brasil, Índia e China, iniciou um grande “boom” na produção de biocombustíveis no mundo inteiro.

Cada vez mais, o Brasil busca elevar sua posição como produtor e consumidor influente no mercado internacional dos biocombustíveis. Com a produção de etanol na base da cana de açúcar, o país torna-se conhecido como “pioneiro” na substituição de gasolina pelo etanol. No ano de 2004, o governo iniciou o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel – PNPB, para incentivar a produção de Biodiesel à base de óleo da mamona, girassol, dendê, soja e outras gorduras vegetais e animais. A política de quota prescreve que o biodiesel seria misturado ao diesel em parcelas crescentes. Desde 2010, um percentual de 5% do diesel é biodiesel.

Diferente do Programa PROALCOOL, que incentivava a produção da cana em grande escala, o PNPB tem como objetivo a inclusão da agricultura familiar na cadeia produtiva da gordura vegetal, principalmente da mamona. O foco deste Programa é incluir, na denominada “cadeia produtiva do biodiesel”, agricultores familiares das regiões Norte e Nordeste, tendo sido previsto inserir 200 mil deles como fornecedores de matérias-primas.

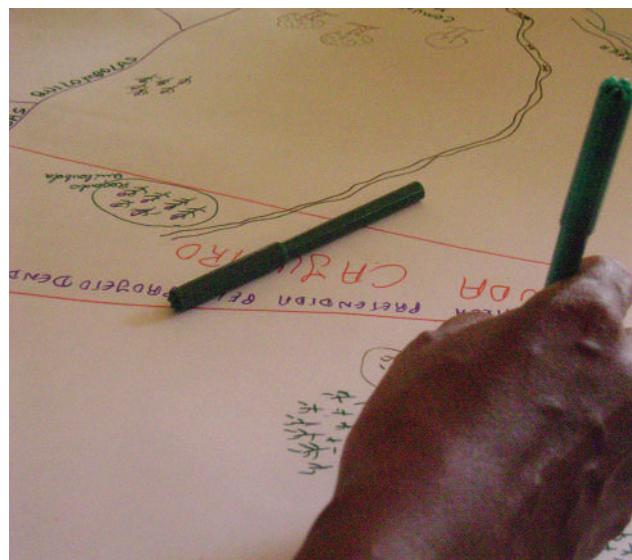
### Programa de Produção Sustentável de Palma de Óleo no Brasil

O óleo do dendê é consumido na indústria alimentícia, de higiene, limpeza, cosmética, química e, cada vez mais, para o biodiesel. O consumo mundial desse óleo cresce de forma contínua. De 1998 a 2009, elevou-se de 17 para 45 milhões de toneladas, ou um terço do total de óleos consumidos do mundo. Os maiores produtores de óleo de palma são Indonésia e Malásia, na Ásia, e Colômbia, na América do Sul. Em todos estes países, as comunidades tradicionais, movimentos sociais e ONGs, questionam o avanço de grandes plantações do dendê e denunciam os despejos de comunidades, a destruição de florestas tropicais e os impactos ambientais provocados pelos agrotóxicos e monocultivo.

O Brasil está entre os pequenos produtores de dendê, pois é responsável somente por 0,5% da produção mundial. A palma de óleo se desenvolve bem em regiões quentes e úmidas. Desde os anos 60, o Brasil tenta inserir a produção de óleo de palma na Amazônia Legal, que conta com terras consideradas “aptas”. O aumento da produção do dendê na região é apresentado como um grande mercado para os setores do agronegócio e o governo.



Oficina de cartografia social na fase de elaboração do croqui em oficina realizada em Sauá-Miri, São Domingos do Capim



Participantes da reunião realizada em Sauá-Mirim, no dia 18 de junho de 2011, no território dos "povos do Aproaga", município de São Domingos do Capim, croqui mostrando a Fazenda Cajueiro, (propriedade do ex-Prefeito) onde está sendo cultivado dendê, município de São Domingos do Capim e Ipixuna e Ana Cristina Ferreira da Silva, João da Conceição Silva Santo, Rosa da Silva Santo, Manoel Clauderi Coutinho da Luz, membros da Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim, AQRUC trabalham na elaboração do croqui em oficina realizada em Sauá-Mirim



O início da dendeicultura no Pará está associada às vantagens fiscais e creditícias ofertadas aos capitais agroindústrias e a flexibilização do mercado da terra. Em 1967, surgem os primeiros estudos financiados pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, que logo apoiou a plantação de 1.500 hectares no município de Benevides. Na década seguinte, o dendê estava sendo cultivado em Acará e Moju, com uma expansão lenta. Com os programas nacionais, primeiro de Biodiesel em 2004, depois da Palma de Óleo, no Brasil, a produção do dendê ganhou uma nova dinâmica.

Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB)

## Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB)

Na ocasião do lançamento do PNPB, em 2010, o Presidente do Brasil comunicou a intenção de não repetir os fracassos sociais e ambientais dos outros países produtores de dendê.

O Programa Nacional de Produção Sustentável de Óleo de Palma está vinculado ao Programa Terra Legal. O Departamento de Planejamento, Monitoramento e Avaliação da Regularização Fundiária na Amazônia Legal -

DPMARFAL/SERFAL-MDA lista 16 municípios com ações desse Programa em andamento, correspondendo a uma extensão de 376.000 hectares de áreas requeridas.

## A implementação do dendê no Pará

O Estado de Pará será o centro da produção de dendê do Brasil. O Secretário Especial de Produção do Pará anuncia a meta de alcançar entre 10 a 12 anos o primeiro milhão de hectares plantados segundo o modelo da Malásia (Diário do Pará. Pará incrementa Relações com Ásia. 29/04/2012), o que soma às áreas já cultivadas pela AGROPALMA, DENTAUÁ (Dendê do Pará S/A), MARBORGES, DENPASA, citando os empreendimentos maiores.

Esses milhares de hectares para o dendê são inseridos no mercado de terras por mecanismos diversos: compra, arrendamento de fazendas desmatadas, parcerias com agricultores familiares.

A instalação das primeiras empresas implicou em alterações nas formas de representação e de luta dos trabalhadores rurais. Um dos epicentros dessa luta foi a região Guajarina, onde se desenvolve desde a década de setenta a implantação desta cultura.

## Quilombolas atingidos pelo dendê no Pará

### “Povos do Aproaga” quilombolas de São Domingos do Capim experimentam a entrada do dendê

Em São Domingos do Capim, as comunidades auto-reconhecidas como quilombolas de Tapeirinha, Sauã Miri, Nova Ipixuna, Alegre Vamos e Benevides, introduziram, desde 2009, o pedido de titulação coletiva, conferindo o pesado andamento do “processo”. Nas suas falas refletem criticamente a “chegada do dendê”, os riscos e as “promessas” das empresas e do governo.

A Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim – AQRUC fala da ameaça do dendê, que se amplia do lado da fronteira com os assentamentos Vitória da Fé e Nova Caminhada (40 assentados), e Taperuçu que tem 190 lotes, onde vários agricultores familiares se posicionam a favor do cultivo. Pessoas do assentamento Sauá Grande já participaram de “reuniões do dendê” e o assentamento experimenta a divisão. O grupo que rejeita a proposta desse cultivo prefere manter a produção e manejo de açaí, portanto não acompanha “os que foram tomados pelo dendê”. Outra observação sobre essa adesão dos assentamentos no município vem das manifestações do prefeito, dos vereadores, de sindicatos rurais e a FETA-GRI. Eles contribuem mostrando vantagens irrefutáveis a favor do dendê e sua auréola de futuro, progresso e desenvolvimento.



Plantio de dendê entre Ipixuna e São Domingos do Capim

Os quilombolas completaram o registro deste quadro crítico em relação à fazenda Cajueiro, que foi “invasa por posseiros”. Essa fazenda foi formada por um advogado que “comprou”, tempos atrás, as terras dos quilombolas, em troca de instrumentos de trabalho. Alguns quilombolas do povoado Benevides plantam nas terras da fazenda, como faziam seus pais e avós, por considerar direito e não possuem outras terras. Os produtos dessas roças e as criações estão sendo arbitrariamente apropriados pelos “invasores”, que manifestam uma atitude desrespeitosa com os quilombolas. Com medo de atos de violência, eles não realizam nenhuma denúncia policial, como elaborar um Boletim de Ocorrência (BO).

Rapidamente, configura-se uma situação de conflito pelas terras não tituladas. Entrementes, o INCRA não avança nos procedimentos administrativos, o que aumenta a tensão por uma titulação não criteriosa do Programa Terra Legal. Recentemente, o Programa Terra Legal entregou o título de propriedade da Fazenda Farinha Boa, com 9 (nove) lotes, para o “interessado” que procurou o INCRA e teve atendimento imediato. Essa fazenda situa-se na fronteira do território reivindicado, assim como o assentamento Taperuçu. O médio fazendeiro já titulado pretende plantar dendê e os assentados já participaram de audiências para conhecer o Projeto de Pólos de Produção de Biodiesel.

Os quilombolas reconhecem, por um lado, o “ilhamento” do território quilombola. Até aqui estiveram rodeados de “terras de fazendeiros”, que foram desmatadas para plantar capim e, agora, parte dessas terras destina-se ao dendê. O assentamento é outra entrada franca para esse monocultivo. Em São Domingos do Capim, atuará a empresa **ADM (Archer Daniels Midland Company)**, que já instalou o seu escritório e estabelece articulações com representantes da política municipal e empresas do setor.

#### Gerar emprego no campo

“Eles dizem que vai gerar emprego pra muita gente. E quem tiver registrado eles também vão fazer! Eles estão comprando área pra gerar emprego pras pessoas próximas à área. Eu não concordo com isso porque a gente planta maniva, arroz, mandioca, tem horta; e se a gente entrar nisso a gente não vai ter roça nem pro sustento de nossa família.” SENHOR DOMINGOS GOMES DOS SANTOS, TAPERINHA

### **Assentamentos inseridos na expansão do cultivo do dendê**

“Aqui no lado de fora [do território Quilombola] nós temos alguns assentamentos, na verdade é só um que é subdividido, que é o assentamento Nova Caminhada e tem também o da Vitoria da Fé e do Taperuçu. E... tem aqui a área de Farinha Boa, que é uma área de nove (9) lotes do “Terra Legal” (INCRA), assim que recebeu o título. E não faz parte nem do assentamento, nem do quilombo. Ao redor do Farinha Boa, existem alguns assentamentos que estão voltados pro plantio do dendê. A grande maioria dos assentados vai procurar a EMATER pra que junto com a empresa façam esse serviço. A Biovale já está também procurando os agricultores.” SENHOR MANOEL CLAUDERI COUTINHO DA LUZ, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLAS UNIDOS DO RIO CAPIM – AQRUC

### **Inclusão da agricultura familiar na cadeia produtiva e crédito oficial**

“Essa dívida de sessenta e cinco mil reais (atualmente corresponde a R\$ 80.000,00 - nota do editor) que o trabalhador empresta pro banco, o agricultor não pega nenhum centavo desse dinheiro. Cada coisa que vai acontecer no teu terreno, vem uma empresa que vai fazer o trabalho e recebem direto do banco. O que a pessoa ainda recebe é aquele valor em torno de R\$ 500,00, mas que já está embutido nesses R\$ 65.000,00. Daí o

agricultor acaba pagando pra ele mesmo trabalhar nas suas terras. Também há muita corrupção no meio dessa proposta com relação ao trabalho. Eles fazem uma proposta, quando a pessoa vai trabalhar, não era nada daquilo que ele estava pensando”. SENHOR MANOEL CLAUDERI COUTINHO DA LUZ

“A nossa preocupação na comunidade Ipixuna foi jogar o outro lado do rio onde ficam as ruínas da Aproaga, que estão cercadas pelos assentamentos Novo Jauara e Aproaga, que estão sendo trabalhados pelo ITERPA. Eles até me procuraram pra que eu falasse pra eles qual é a área das ruínas. Eu falei que quando eu comprei esta área ela era 400 metros de frente por 800 metros de fundos. E eles me perguntaram se eu tinha interesse em entrar no ITERPA. Eu disse que não, porque nós estamos pedindo ela como área Quilombola.” SENHORA ANA CRISTINA FERREIRA DA SILVA, COMUNIDADE BENEVIDES E SECRETARIA DA AQRUC

### **Riscos não discutidos no Programa de Óleo de Palma.**

“A gente tem que ficar atento também com a questão das pragas, porque aonde tem dendê tem muito rato, muita cobra, muita aranha. E para fazer todo o processo a gente tem que usar agrotóxicos, que são venenos”.

SENHOR DOMINGOS GOMES DOS SANTOS, TAPERINHA

## **Quilombolas de Concórdia do Pará e Bujaru**



**Sandro Oliveira, Joventino dos Santos, Raimundo Pastana Junior do Quilombo de Santo Antônio – Concórdia do Pará, que foram trabalhadores assalariados nos plantios de dendê da Biopalma**

Os municípios de Concórdia do Pará e Bujaru receberam os projetos de dendê há no máximo quatro anos com a chegada da BIOPALMA e, hoje, ocupam o centro do Polo Nordeste Paraense, no qual se projeta a expansão da cultura. A BIOPALMA é uma empresa canadense e foi recentemente adquirida pela BIOVALE/VALE.

Em setembro de 2008, os Quilombolas de Bujaru e Concórdia do Pará exigiam a titulação coletiva, e denunciaram a expansão da dendeicultura por meio das suas entidades de representação: Associação de Remanescente Quilombo Nova Esperança de Concórdia (ARQUINEC) e a Associação Remanescente de Quilombo Oxalá Bujaru (ARQUIOB). Estes destacam a demora (de sete anos) na titulação coletiva de seu território. Das 18 comunidades quilombolas, apenas quatro foram tituladas, o que ocorreu em setembro de 2010, em nome da ARQUINEC, representando uma extensão de 5.981, 3412 hectares.

As questões fundiárias agravavam-se com a procura da terra por fazendeiros e a arrancada da corrida pela compra

de terra por parte de agentes do agronegócio. Os informantes, nos dois municípios, indicaram a compra de terra na região pela Biopalma. As denúncias também afirmavam que a chegada da empresa gerou uma euforia entre as pessoas interessadas na negociação de terra. Em áreas mais procuradas por agentes de comercialização das terras, alguns foram persuadidos a assinar “papéis” para facilitar a compra e venda da terra a ser negociada com a Biopalma. As primeiras investidas da empresa tornaram-se públicas em 2007.

Os quilombolas chegaram a fazer o cálculo das terras adquiridas pela Biopalma – entre 40 a 50 mil hectares – com destinação ao cultivo do dendê. Esses dados são corroborados pelo relatório do Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis (CMA), da ONG Repórter Brasil, que cita o processo de instalação da empresa na região nordeste do Pará, com o fim de desenvolver um projeto de dendeicultura”, de 40 mil hectares dos setenta mil hectares que teria adquirido. Essa extensão compreendia o chamado “Polo Acará/Bujaru/Concórdia”.

Em novembro de 2007, as comunidades quilombolas realizaram uma audiência com a presença do ouvidor agrário do INCRA-SR 01-PA. Nesse ensejo, formularam questões referentes à compra e venda de terra ao longo da PA-140, o que ficou registrado na Ata de reunião da ARQUINEC. Nessa ocasião, um membro da comunidade de Timboteua-Cravo relatou que, o “objetivo da empresa BIOPALMA era comprar uma área compreendida no trecho entre Bujaru e o lugar denominado ‘Trevo’, para destinar ao plantio do dendê”. A chegada da empresa era fato conhecido do poder público local, inclusive explica que, em certo momento, antecedendo a chegada da empresa, a compra de terra partiu “do prefeito, ex-prefeito e um político da esfera federal que fez parte do INCRA/PA”. Essas negociações, como foram relatadas, passaram por um superfaturamento entre compra de pequenos proprietários e a venda para a Biopalma.

Na oficina realizada em 11 de junho de 2011 foram debatidos os temas destacados a seguir:



**Exposição do croqui indicando a legenda referente ao perímetro do território quilombola titulado no município de Concórdia do Pará**

### **Organizar-se para discutir a entrada do dendê**

“Quando os pequenos agricultores, os quilombolas se reúnem, ah, incomoda! Houve uma sessão itinerante aonde estava presente o secretário de Meio Ambiente do Município e nos colocava ali a questão do dendê, porque hoje eles mostram uma ‘Mil Maravilhas!’. Hoje, como o povo começou a se organizar pra discutir essa questão de conscientização, e eu estou falando isso pela Associação, porque eu estava numa aonde diziam: ‘A Biopalma é do povo! Isso aqui é o povo que vai usufruir. A melhoria vai vir pro povo. É o povo que vai se beneficiar das frutas que tem aí’. Mas como o povo vai se beneficiar, se está escrito ali ‘Propriedade Privada’? E o povo ‘tava vendo aquele negocio ali; parece é que tava cego. A questão de fazer o ramal é apenas pra dividir a comunidade do Timboteua e o dendê! Ele foi bem claro naquela reunião, e o pessoal concordando de queixo caído assim, que ele quer plantar dendê dentro do ramal. É por isso que ele quer fazer o ramal, não é por outro motivo. Então, nesta sessão que nós tivemos e estava presente o secretario do município, eu fiz um questionamento em relação ao território quilombola. Ele disse que quando a Biopalma veio pra cá, ela não tinha o CAR, nem o LAR, nem o LO, porque o CAR é o Cadastro Ambiental Rural, o LAR é Licença Ambiental Rural e o LO é Licença de Ocupamento. E nós fizemos um documento, uma pauta, e entregamos para os vereadores lá, em nome do povo quilombola. E o que foi que o secretário de meio ambiente disse? ‘Que a empresa do dendê está no município, mas não foi autorizada pelo município’. É verdade que ela não tem a licença, que ela deve ser licenciada pelo Estado e não pelo município, certo? Então, a consequência disso é que como no território quilombola, ainda mais nas terras que foram tituladas, o povo não estão aderindo a vender as terras, então o que eles estão fazendo agora? É projeto, principalmente aonde tem aquelas fazendas, projeto do dendê. Nós já estamos cercados pelo dendê aqui. Se nós dissermos que nós temos uma saída, só mesmo pelos rios que não tem plantado, porque nós já estamos cercados pelo dendê. Inclusive, na TransJutaí, já tem dendê. Porque eles estão colocando os vírus aqui e acolá pra mais tarde eles terem uma extração muito grande. Lá em TransJutaí já tem sete hectares de dendê. Nós fomos lá, e lá já tem um plantio novo que ‘tá com uns 2 ou 3 meses. Quando houve essa preocupação minha, o povo inclusive viu isso numa reunião. A consequência disso não vem hoje, quem vai sofrer as consequências de plantio desse dendê vão ser os nossos filhos e nossos netos. Quando nós estivemos numa Conferência da Saúde e eu disse: ‘nós, ninguém tem uma boa educação, ninguém tem um bom transporte, se não tiver primeiro a saúde, que é a maior riqueza pro ser humano. Mas a questão do dendê está



**Senhora Sebastiana Pereira e senhor José Francisco Maciel realizam intervenções durante a Oficina sobre expansão do dendê em Concórdia do Pará, elaboração do croqui com indicações sobre os impactos do dendê no território quilombola de Concórdia do Pará e senhora Celina Pereira da Costa e senhor Tiburcio Valino da Costa participam da Oficina do dendê**

no mesmo páreo; nesta questão de jogar o veneno, não teve freio... Teve muitas áreas em que eles meteram tractor na mata mesmo, reviraram tudo pra plantar dendê. Não foi só a questão como 'tava na documentação que era pra ser só na área de capim. É isso o que eles dizem? Não, que o dendê veio pra 'reflorestar'! Gente, tirem isso da cabeça! o dendê não refloresta. Quantos anos dura um pé de dendê? De 25 a 30 anos. Como vai reflorestar se uma árvore como o Ipê dura mil anos, como? E a partir do momento que plantou dendê ali, a terra não presta pra mais nada!" SENHOR JOSÉ FRANCISCO MACIEL DA SILVA - PRESIDENTE DA ARQUINEC

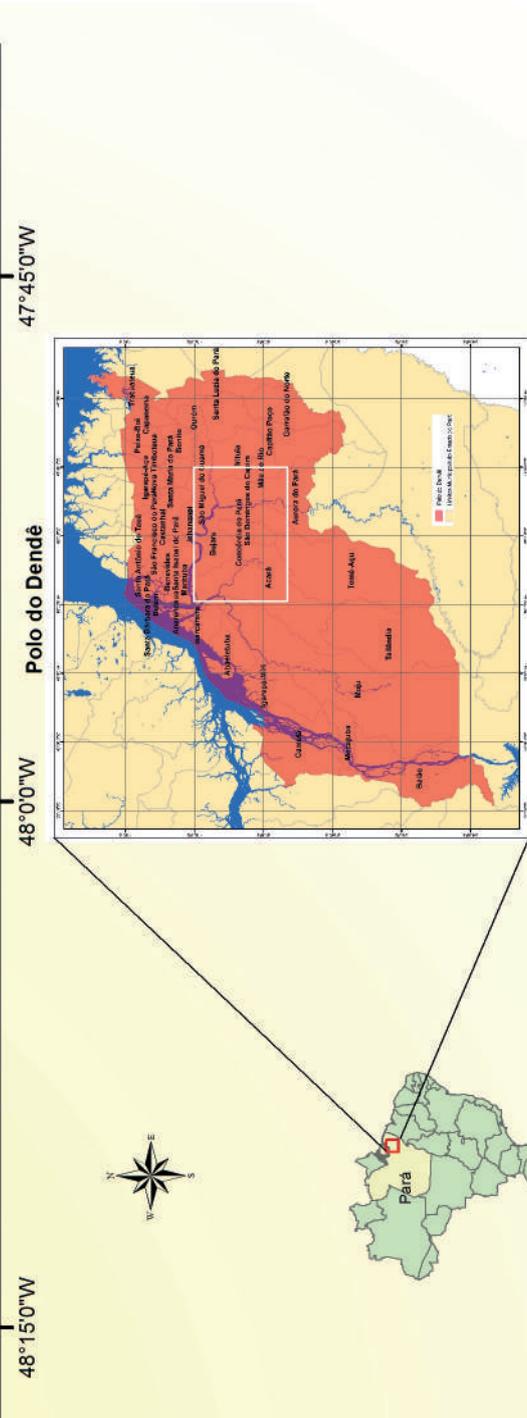
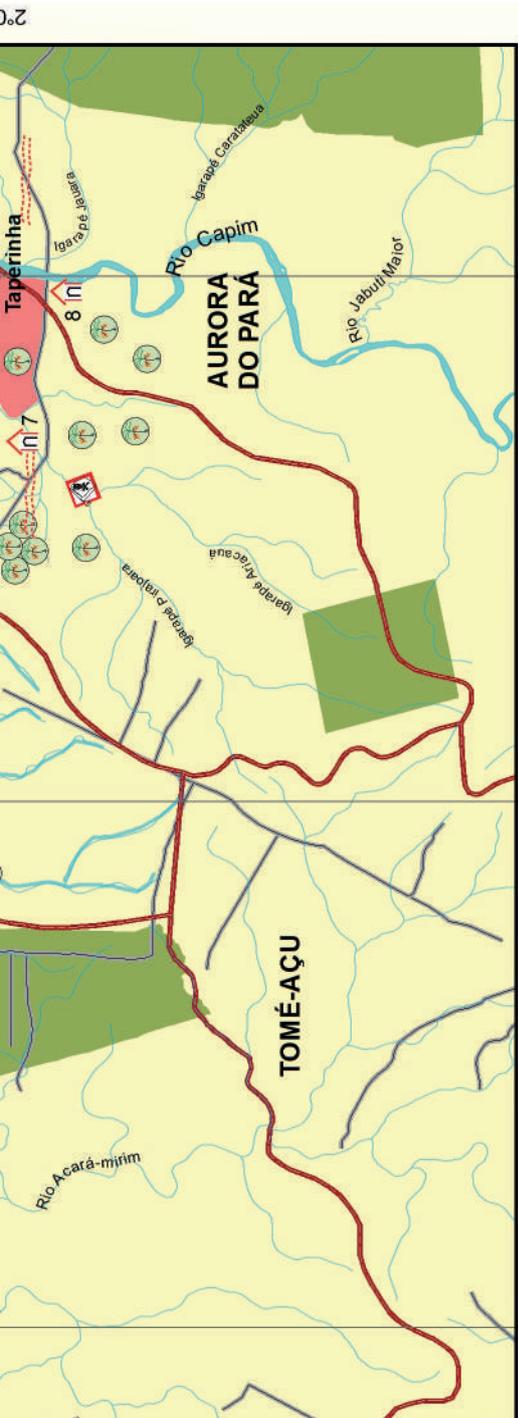
### **Campanhas das empresas e das autoridades municipais**

"A gente fica preocupado, a gente sente medo, né? Quando a gente foi na sessão na Câmara, que tá com uns 15 dias, lá no Campo Verde, aonde faz parte do território. E a gente vê as pessoas dizer com tanta certeza, com tanta clareza, que isso não tá prejudicando nem o solo, nem o povo, nem ninguém. Foi como o secretário de meio ambiente falou, que não tem nada de documentação despachada pelo município, mas que na verdade chega, e quando o povo sabe, já tá tudo nos conforme, né? Estando assim, o povo não tem mais como voltar atrás, né? Quantas vezes a gente já reunião, que isso não ia... Sim, eles falam de desenvolvimento, mas eu não sei se o gerente da Biopalma deve ter feito algum acordo com o prefeito, porque a gente vê que tudo que é movimento, ele tá em parceria com o 'Bandeira Verde'. Ele dá dinheiro, dá cheque com valores altos, que nós, como remanescentes, ninguém tem dinheiro pra pagar. Eu acho que eles pensam que é essa parceria com o município que eles estavam precisando pra fazer o projeto. Então eles criam o projeto e a Biopalma banca. No dia daquele evento, a secretária disse que se não fosse a Biopalma eles não realizariam o projeto 'Bandeira Verde', porque é a empresa que está fazendo tudo, que

está ajudando. Aí ela não quis citar, porque quando eu apresentei o meu projeto, eu disse que eu trabalhava numa escola que fazia parte das comunidades quilombolas, e que o povo sabe que a parte que ainda tem o verde, a mata e até o capoeiral; é parte aonde ainda tem as comunidades quilombolas. Aí, eu disse que na nossa comunidade, todos que pegaram o título coletivo, ninguém quis vender. Mas, e as outras, coitadas, que foram atrás de conversa de políticos e de pessoas que queriam ser beneficiadas? Com certeza, foram atrás e venderam! Eu acho isso uma tristeza, porque às vezes são pessoas que se acham tão intelectual, que sabem das coisas, e que na verdade ficam com os olhos vendados diante de uma situação dessa. No meu ver, plantar dendê não é reflorestar. Não é! O meu marido sempre vai pra Vigia e ele sempre me conta que o que tem de dendê nas grandes propriedades na estrada que vai pra lá! As árvores nem cresceram mais! Não tá dando mais dendê. Lá nem o capim cresce, de tanto veneno que eles jogaram lá. Agora vamos ver Concórdia daqui com 30, 40 anos, como é que vai estar? É triste quando a gente vai nessa reunião que tem o pessoal do poder." SENHORA SEBASTIANA BELÉM DA SILVA, PROFESSORA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTO ANTÔNIO

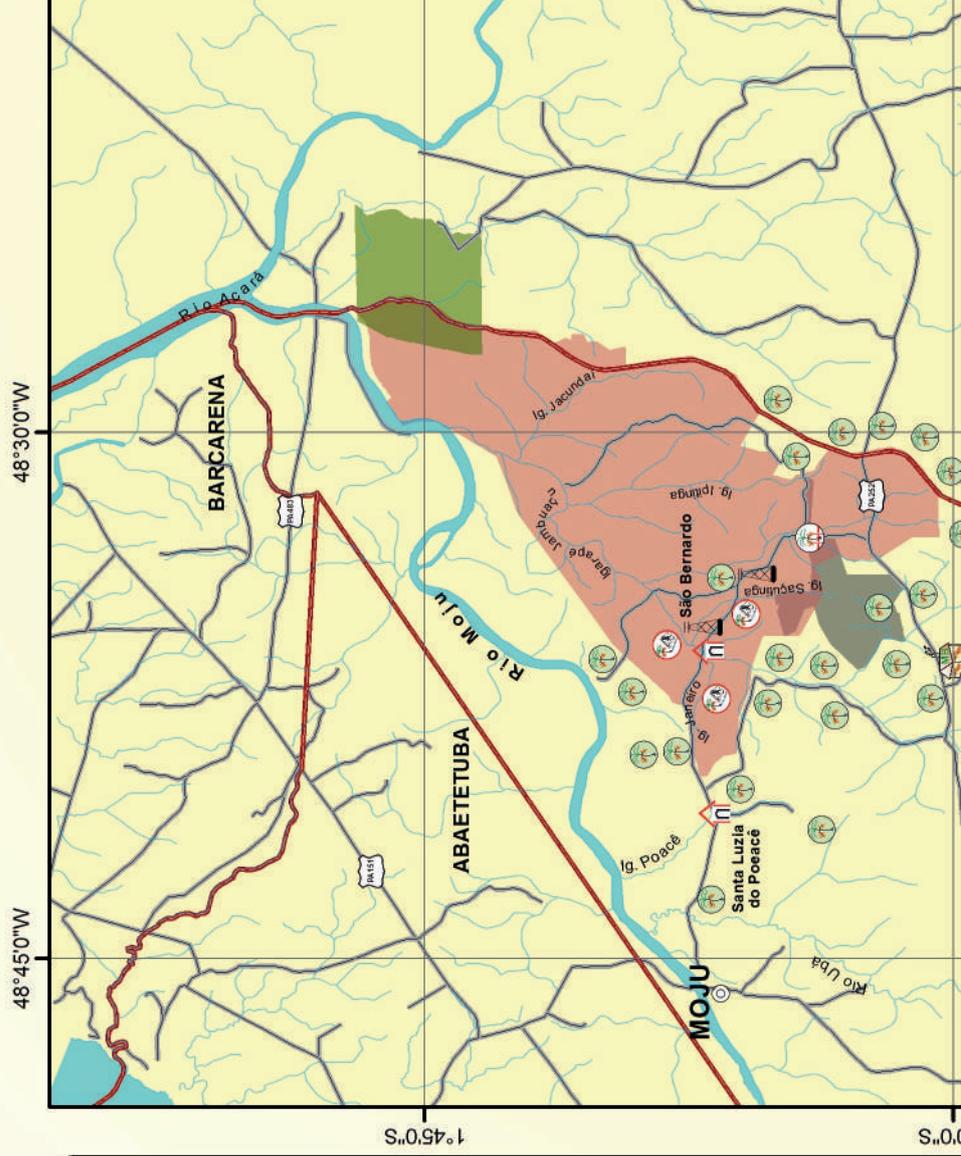
"A Secretária de Educação ainda falou, mesmo assim no Meio Ambiente: 'Muitas escolas não quiseram participar do Projeto 'Bandeira Verde' porque estava em parceria com a Biopalma'. Eles não acharam nada agradável o fato dos professores não quererem fazer parte do projeto. Nós, que fazemos parte de território quilombola, não somos mais convidados pras reuniões nas escolas, porque parece que nós estamos incomodando. A secretária disse: 'Olha, tem muita gente que é contra a Biopalma, mas se não fosse ela a gente não realiza muitas coisas aqui. Ela, na verdade, quis dizer das comunidades quilombolas, porque nós somos contra a Biopalma. ... Aí, em Concórdia, as pessoas ainda falam que as pessoas do território quilombola estão é morrendo de inveja.





**LEGENDA**

-  Assentamento Contatado
-  Comunidades e Vilas
-  Sedes municipais
-  Açude do Viveiro da Biopalmavale
-  Fazenda Reg. pelo Programa Terra Legal
-  Fazenda Marborges
-  Plantio de Dendê
-  Igarapé ameaçado por agrotóxico
-  Igarapé contaminado por agrotóxicos



Linha de Energia/Mineroduto

Assentamento com plantio de Dendê

Ramais

Sede Empresa Biopalma/Vale

Sede Empresa Dendê do Tauá S/A

Sede Empresa Marborges

Estradas

Hidrografia

Assentamentos Federais

Assentamentos Estaduais

Território Povos do Aproaga (AQURC)

Território Quilombola de Jambuaçu (Bambae)

Território Quilombola Arquinec

Indústrias do Dendê

Limites municipais



48°45'0\"W

48°30'0\"W

**Elaboração:** Rosa Acevedo Marin  
Irislane Pereira de Moraes  
Ulisses Guimarães

**Fonte:**

Base Vetorial: INCRA (2012), ITERPA (2012) e  
SIPAM/IBGE (2004).

Cartografia: Luis Augusto Pereira Lima (PNCSA)  
Ulisses Guimarães

### Comunidades e Vilas

1. Santa Catarina (ADM)
2. São João Tauá (ADM)
3. Sauá-Grande (ADM)
4. Nova Caminhada (BIOVALE)
5. Vitória da Fé (BIOVALE)
6. Taperuçu (BIOVALE)
7. São Joaquim (BIOVALE)
8. DER (BIOVALE)
9. Inácia (BIOVALE)
10. Rio Bujaru (BIOVALE)

4 2 0 4 8 12 16 Km



Sistema de Coordenadas Geográficas - SIRGAS 2000

Mas foi comprovado por estudo que a maior reserva ambiental está no território Quilombola. Então é aquilo: você falou, você incomoda; você se aliou, você é bem-vindo” SENHORA ALICE MACIEL DA SILVA

“Isso até nos assusta. Quando nós fomos numa sessão, lá na Câmara, a gente viu o pessoal falando com tanta clareza que isso não ia prejudicar ninguém nem o solo, nem o povo. Existe um convite, um marketing, uma propaganda de que as terras tituladas podem ter dendê. Isto não é certo, não podem e não queremos.” SENHORA CELINA PEREIRA DA COSTA

### ***Segurança alimentar ameaçada pelo dendê***

“Essa política implantada é pra acabar com a cultura tradicional, certo? Porque hoje eles colocam que a mandioca, que é da nossa agricultura, eles colocam que ela contamina a água, ela faz um monte de coisa! E o dendê serve pra isso e pra aquilo. Mas a mandioca tem 16 utilidades que eu não vejo em outra planta. O dendê requer muito adubo e muitos litros de água por ano; a mandioca, além de dar a farinha, ela dá o adubo, o alimento! E nós temos que estar conscientes disso. O dendê não dá cupuaçu, não dá a laranja, não dá a mandioca, não dá o peixe, não dá esse monte de fruta que é a nossa riqueza. Eu não vejo que o dendê corresponde a somente 20% de planta exótica. A gente sabe que em qualquer projeto a gente não pode colocar mais de 20% de planta ou animal exótico. Então, quando a gente conscientiza a população que pra gente andar, a gente não precisa do dendê, nem da Biovale. Isso incomoda. Isso, pra gente, é um risco muito sério!... Inclusive, eles chamaram nós pra sermos parceiros. Eles disseram que a hora que a gente quisesse eles estavam prontos pra ajudar as comunidades quilombolas. Eu só fico preocupado porque esse projeto o Governo não tá preocupado em ter um projeto, assim grande, pra população viver; mas eu vejo que ele tá mais preocupado em aumentar a riqueza, aonde o povo se beneficie de encontro com a saúde da população que está se extinguindo”. SENHOR JOSÉ FRANCISCO MACIEL DA SILVA

### ***Territórios quilombolas não titulados face a expansão do dendê***

“A nossa luta, primeiramente, com relação à demarcação e titulação das terras quilombolas encontrava muita resistência da titulação coletiva, dizendo que um ia man-

dar no outro. O território compreende 12 mil hectares e tem nove comunidades que chegaram a receber titulação e a certificação da Fundação Cultural Palmares. Quando a gente fez a reunião no INCRA, a gente não ‘tava nem percebendo, mas eu acho que o INCRA e toda uma conjuntura de pessoas, já tinham ideia do avanço da implantação disso, porque já tinham fazendas compradas; e tinha também terceiros comprando terras de agricultores a preço de banana e poder lucrar mais vendendo pra empresa. Aí, eles dizem que não pressionaram e que não coagiram ninguém pra comprar as terras.

Quando o dendê chegou, era quase consenso que as terras iam ser tituladas, mas depois houve uma política do individualismo. Muitas pessoas que tinham certificação não tiveram suas terras tituladas. E, hoje, a gente vê o dendê na nascente do Igarapé Cravo, no Arapiranga. Eles jogaram, lá, muito agrotóxicos, e isso desce pro rio Bujaru. A nossa comunidade Quilombola entrou na justiça contra a Biopalma por causa da poluição no leito dos nossos igarapés. A questão de ‘não à venda da terra’ já deu até ameaça de morte aqui! Nós tivemos que nos reunir, chamar advogada e chamar ‘Deus e o mundo’.

Mesmo com a área quilombola demarcada, ainda tem a sedução: ‘Vocês podem plantar dendê na área de agricultura familiar’. Mas na área em que nós estamos regularizados, que é Curuperé e Jamburalzinho, as próprias famílias de lá já se sentem beneficiadas com a esperança de vir uma estrada por intermédio da empresa. Mas e a comunidade? E os remanescentes de quilombolas? Qual é a alternativa?” SENHOR JOSÉ FRANCISCO MACIEL DA SILVA

### ***Trabalhadores no plantio de dendê***

“Trabalhei foi na química. Largava 2h da tarde, pegava às 5h da manhã. Eu jogava 12 bombas, tinha vez que eu jogava até 15. Eu ganhava R\$20,00 a diária. Antes de começar o serviço, a gente tomava um litro de leite pra aguentar o veneno”. SENHOR ANTONIO GEORGIO

“Veio um cara me dizendo: ‘Rapaz, tem um serviço lá na Biopalma e o salário é bom. É de R\$ 780,00 pra frente. Lá tem serviço pra pedreiro, carpinteiro’. A estréia de lá é o tal do rebaixo; se o cabra agüentar a diária, lá, roçando com terçado. É concurso de lá. Tinha gente que chegava lá, só assinava o ponto e ia trabalhar, nem almoçava! E só largava serviço 17h. E o salário nada de aumentar. Aí que a gente foi saber que era por produção. Pra chegar em R\$ 1.000,00 já viu, né?”

“Tem um rapaz lá no Curuperé que conseguia fazer R\$ 700,00 no mês, mas ele levava direto de domingo a domingo. Ele não agüentou; ele adoeceu e largou”.

“Lá no terreno do Manuel tinha um cara do Maranhão; tinha gente de Castanhal. Mas o pessoal da firma nenhum era daqui; mas os peões – que nem nós – eram todos daqui. Os gerentes, a maior parte é do Rio Grande do Sul”. SENHOR SANDRO OLIVEIRA

“Lá onde eu trabalhava o pessoal saía de lá direto pro Ministério do Trabalho”. SENHOR ANTONIO GEORGIO

### **Situação dos igarapés**

“As nascentes dos Igarapés Cravo e Ipiranga estão dentro da área do dendê. Evitar o dendê é importante pra preservação dos quilombos, porque essas áreas se formaram no entorno dos rios e igarapés”. SENHOR TIBÚRCIO VALINO DA COSTA

## **Quilombolas de Jambuaçu: mais de duas décadas de convivência com dendê da Marborges e Agropalma**

Ao longo do rio Jambuaçu, há mais de duas décadas, foi impulsionada uma campanha contra o dendê. A memória do conflito com a empresa agroindustrial Reflorestamento da Amazônia S.A. - REASA é continuamente revivida. Com essa empresa experimentaram a grilagem e a pistolagem, apenas controlada porque, em 7 de janeiro de 1989, mais de duzentos homens “pintaram os rostos de preto e invadiram a cidade de Moju” para afugentar os pistoleiros. Antes, tinham sido assassinados os sindicalistas Virgílio Serrão Sacramento e Benedito Alves Bandeira. Também foi morto o gerente da REASA.

A MARBORGES Agroindústria S.A. adquiriu as terras da REASA S. A e continuou o plantio de dendê. Instala a fábrica e permanece como proprietária das áreas cultivadas dentro do território quilombola. A titulação coletiva, realizada pelo ITERPA, não foi capaz de retirar as incrustações da empresa, que reduziu as terras da comunidade de Santa Luzia do Traquateua para 342 hectares, titulada em 30 de novembro de 2009.

Foi para evitar que o dendê continuasse a tomar as terras, que fizeram a campanha: “Quilombola não podia plantar um pé de dendê”. Mas os quilombolas se tornariam trabalhadores empregados da MARBORGES e, depois, da CRAI/AGROPALMA.

A questão central para as comunidades tradicionais de Bujaru e Concórdia do Pará continua sendo, de um lado, a ausência de titulação em favor da ARQUIOB diante de um processo de concentração fundiária. Recentemente, “algumas comunidades estavam propondo rever a titulação coletiva e corria a informação de que formariam outra associação”, informou o senhor Sebastião Pereira da Costa. De outro, a falta de esclarecimento na inserção da empresa na área e os impactos socioambientais sobre os igarapés e rios. A Associação Bujaruense de Agricultores e Agricultoras – ABAA chegou a questionar o “perigo e a nocividade” que esses empreendimentos poderiam trazer para os pequenos agricultores e apicultores de Bujaru e Concórdia, afetando as abelhas e o meio ambiente. Com isto confirmaram a falta de discussão dos impactos sociais e ambientais da dendeicultura e quais são os grupos atingidos na sociedade.

Nas oficinas realizadas em Santa Luzia do Traquateua e São Bernardino nos dias 04 e 05 de junho de 2011, os quilombolas abordaram suas condições de trabalhadores do dendê e de cercados pelas plantações da AGROPALMA. Parte dos dendezaís que pertencem à MARBORGES e AGROPALMA e que cercam o território quilombola de Jambuaçu, estão envelhecidos. Os trabalhadores contratados narram suas experiências.

### **Inclusão da agricultura familiar**

“O dendê chegou aqui primeiro por essas empresas, né? Mas agora a gente já vê na política em nível de campanha. Já 8 tem, assim, uns candidatos, algumas pessoas, que já vêm falando que é pra gente apoiar as empresas, que vêm trazer um projeto grande pra dentro do nosso território, e que vai ser bom; que a gente vai ganhar melhor salário e tal, se a gente aderir. No meu ponto de vista, a gente já tem ouvido muita história do alto

Moju de que quem plantou dendê e agora está na mão das empresas. Então, eu me preocupo assim, se eu ter de plantar dendê no meu pedacinho de terra, ou vou ficar bem ou eu vou ficar na miséria? A outra preocupação é

que a gente não come dendê, e se a gente colocar as nossas terras praticamente só pro dendê, e se mais tarde ele der pra trás ou baixar no mercado, o que será da gente? Justamente as empresas lá, elas pedem pra que os agricultores plantem o dendê, porque sabem que eles não vão dar conta de manter, aí, depois, ela é que vai tomar conta do projeto, como acontece no Alto Moju, lá foi assim. Eu tenho uma colega professora que ela aderiu na área dela o dendê e, hoje, quem toma conta do projeto nas terras dela é a empresa. Porque ela não deu conta de manter, porque tem limpeza e tem vários tipos de coisa que tem que fazer pra manter ele, e você não dá conta. É por isso que eles pedem que os agricultores plantem dendê, que é bom, no ponto de vista deles, mas que pra nós não é viável não, porque você vai ficar na miséria mais do que já tá". SENHORA MARIA DO CARMO CUIVAR AMARAL

### **Quilombolas de Jambuaçu: trabalhadores nos dendezais**

"Ele conta que o serviço lá é muito, né? É muito pesado. Ele sai de casa altas horas da madrugada pra ir pra lá trabalhar. Ele vai porque tem precisão, mas que não é fácil". SENHORA ESTEVA CARDOSO

"O meu filho trabalhou lá duas semanas. Ele não aguentou o serviço. Ele nos contou que é um trabalho bastante forçado; nem só na parte que borriafa, como os outros. Tinha vezes que ele saía três horas da madrugada, de bicicleta, pra chegar às vezes seis horas no local. É um tipo de trabalho que tudo o que você consome você tem que pagar; a firma não dá nada, tanto de material de prevenção, quanto alimentação. A merenda, ele tem que levar a própria, só o almoço que é por conta deles (da empresa). Ele chegava morto de cansado! Eles tinham



**A gente não come dendê, a gente come mandioca**

uma meta de borriifar 20 mil pés por dia. E eles eram 24 trabalhadores; e eles nunca deram conta! Dentro dessas duas semanas, acho que ele ganhou uns R\$ 300,00. É muito pouco".

SENHOR CATARINO DE JESUS

"Já trabalhei rebaixo. Eu já fiz. Rebaixo é roçar o terreno

do dendê pra plantio, jogar adubo, tudo isso eu já fiz. Agora eu tô fazendo aquela coisa que se chama 'abrigo pra comer de baixo'. Isso dá grana, tem abrigo pros cara fazer. O abrigo é umas casas pro pessoal comer de baixo, dentro do campo. O pessoal do ministério iam pra lá e pediu pra gente fazerem". TRABALHADOR SOLICITOU PARA NÃO SER IDENTIFICADO

"Trabalhei já seis anos. No serviço, a gente chega seis horas pra pegar as seis e trinta da manhã no serviço e pra largar as 15h. Pra chegar lá, dá uns vinte minutos. Lá da base, né? Tens uns outros que vão de bicicleta; às vezes eles chegam lá umas sete horas pra continuar o serviço dos outros. A gente não trabalha num serviço fixo assim direto, né? Porque não tem fiscal; muitos tem fiscal, mas o meu não tem. Aí eles mandam lá gente pra fazer aquele serviço. Quando eles vêm que dá pra gente acabar, a gente acaba. Se não der, deixa a gente acabar no outro dia, pra poder começar outro serviço. Assim, quando tem fiscal, eles maltrata, a gente, os trabalhadores. Aí, o fiscal, aí vê aquele lugar que falta roçar, daí manda ele tirar as calças e ir fazer!". TRABALHADOR SOLICITOU PARA NÃO SER IDENTIFICADO

"Eu já trabalhei dois anos e sete meses nesta MARBORGES. Trabalhei em rebaixo, na colheita e na química. Agora, na química, eu trabalhei seis meses; aí depois eu pedi pra sair, porque eu acho que tava me prejudicando. Até porque não dava aquela máscara pra proteger do veneno; porque aquilo transpassava e atingia o guto da gente; quando dava um horário, assim, lá pras dez horas, eu escarrava e sentia que aquilo me sufocava no coração. Aí eu cheguei pro meu técnico e disse que eu queria sair, que ele me transferisse pra outro trabalho, que esse daí não tava dando pra mim". TRABALHADOR SOLICITOU PARA NÃO SER IDENTIFICADO

"Olha, quando eu trabalhava no rebaixo, eu sempre passava pelas pessoas que já sabia fazer isso. Aí, eu ficava olhando assim; aí de vez em quando eu experimentava, porque tem que aprender o jeito correto de dar o golpe. Aí eu aprendi. Mas, hoje em dia, eu não trabalho mais; primeiro, porque minha idade não permite e porque eu não quero mais mesmo!". SENHOR TEODORO DE JESUS

***"Nossa batalha dos anos 80 impediu que o dendê tomasse o território todo".  
Senhor Narciso dos Anjos***

### **Transporte das casas até o plantio de dendê**

“Tem gente que vem de bicicleta de São Bernardino até Castanhandeua. É muita distância! São três horas de bicicleta! Mas eles só fazem isso porque precisam trabalhar e a empresa não dá o transporte. Dá dor de ver esses trabalhadores! A empresa vende a bicicleta pra eles e eles vão pagando parcelado. Aí, queiram ou eles não queiram, o valor da bicicleta é descontado no salário. As marmitas, as garrafas aonde coloca a água, são também descontadas no salário; a empresa não dá nada. Se perder o material de trabalho, a pessoa paga!” SENHORA FLORENÇA BEZERRA DA SILVA

### **O que é o salário por produção**

“Eu recebo por mês. O salário é por produção. Se não fizer produção, a gente não recebe salário. Eu trabalho, por exemplo, se eu fizer duzentos reais (R\$ 200,00) de produção, eu recebo uma faixa de uns seiscentos reais (R\$ 600,00). Agora se eu fizer uns trezentos (R\$ 300,00) de produção, eu recebo uns setecentos reais (R\$ 700,00). Esse é que é o problema, né? Aí, é só pra manter, né? Agora nós estamos trabalhando. Senão trabalhar, fica difícil pra pagar, porque a gente ganha pouco, né? E é baixo o salário das outras empresas. Às vezes, nossos ajudantes ganham mais do que o nosso trabalho”. “Tem muitas pessoas que são contra o trabalho com dendê? Sim, tem muitas! Ainda mais aqueles que trabalham o mês todinho e não recebem nem direito um salário! E



**Senhora mostrando como se trabalha na coleta do dendê que fica no chão**

no trabalho eles só tiram uma folga e só ganham cento e cinquenta (R\$ 150,00). Aí, é triste a pessoa sair todo dia de madrugada, né? É muito difícil! Às vezes, o pessoal não deixa porque fica difícil arrumar trabalho aqui né?” TRABALHADOR SOLICITOU PARA NÃO SER IDENTIFICADO

### **Refeitório e o uniforme de trabalho**

“Tem um refeitório lá. Mas só entra quem tiver crachá. Lá, a gente usa essa camisa de mangas comprida; mas tem que comprar porque eles não dão. Eles dão pra mim porque eu trabalho com motosserra; mas o que trabalho no campo eles não dão não.” TRABALHADOR SOLICITOU PARA NÃO SER IDENTIFICADO

### **Mulheres que trabalham no dendê: o trabalho das caroceiras**

“As mulheres que pegam caroços do chão são chamadas de caroceiras. Eu fui numa reunião em Santa Luzia e a Dona ... quando dava quatro da tarde, ela tinha chegado do trabalho; aí ela dizia: ‘Vambora parar logo com essa reunião que eu tô morrendo de fome, eu não aguento mais, eu tô cansada’. Eu dizia: mas você estava pra onde? ‘Eu tava juntando caroço’. Eu disse: ‘Ai meu Deus, você ainda continua?’ Ela respondeu:

‘Mana é a precisão que manda; eu fico fazendo este serviço porque eu não tenho outra coisa pra mim fazer. Eu não tenho roça...’. ‘Mas tu aguenta o dia todo?’ –

‘Mas eu tenho que aguentar!’ Ela carrega aquela saca nas costas. Se para um homem já é difícil, imagina pra uma mulher ficar carregando uma saca de sessenta quilos de uma quadra pra outra!” SENHORA MARIA DO CARMO CUIMAR AMARAL



**Área da empresa com cultivo de dendê incrustada no território quilombola de Jambuaçu**

1. O folder de divulgação da BIOVALE registra uma frase triunfalista: “O futuro está na palma”. “Da mão que planta, que cuida, que colhe com dedicação”. Em vídeo sobre o projeto oferece a oposição de imagens e de falas: sobre as roças o discurso é de muito trabalho, vida na pobreza; em oposição aos cultivadores de dendê: vida sossegada e dando passos para a prosperidade.

“Eu tenho uma cunhada que trabalha nisso e ela disse que é muito difícil. Já pensou encher três sacas por dia pra ela poder ganhar aquela comissão dela, aquela mixaria!! Ela me disse que várias vezes cobra tentou atacar ela, aranha. Ela falou que aquilo é serviço de escravo!”. SENHORA FÁTIMA GURJÃO

“Aí, a gente passava o dia inteiro no sol quente, abaxada, plantando saquinho por saquinho, adubando. De tarde, a gente não aguentava de tanta dor nas cadeiras.

Eu ainda passei 9 meses no pré-viveiro e no viveiro. Na colheita, os homens vão colhendo tudo e jogando no carro do boi, e nós mulheres vamos atrás juntando tudo o que cai. A gente ganhava o salário na carteira, mas a gente ganhava por produção. As mulheres grávidas ficam lá até um certo ponto. Daí, eles arrumam um trabalho mais leve; daí, elas esperam 3, 4 meses e voltam a trabalhar normalmente. Teve um dia que eu e minha colega não pudemos trabalhar porque o dia tava muito chuvoso e tinha uma jiboia enorme. A gente teve que correr no meio do matagal, de uma palmeira pra outra”. TRABALHADORA SOLICITOU PARA NÃO SER IDENTIFICADA

### **Trabalhadores fizeram denúncias**

“Olha, ele é muito ignorante. A mulher dele vai lá na Castanhandeua, chama o Gil. Primeiramente, eles vão perguntar quem foi que ligou pro Ministério. Eles sempre perguntam assim. Se tiver trabalhando lá, se o cara foi lá falar no Ministério e tiver um filho que trabalha lá, eles botam na hora o filho e a família toda pra correr. Como que dizem: “Filho de peixe, peixinho é.” Eles pensam que os pessoal são tudo igual, né? Porque teve muita gente que denunciou ela, né? Que jogou ela na justiça, né? É que ele se machucou e tirou toda a mão dele, né? Botaram ele na rua. Então, ele foi procurar os direitos dele também. Só de benefício deu uns seis mil reais (R\$ 6.000,00), mas não sei se ele recebeu tudo, não”. TRABALHADOR SOLICITOU NÃO SER IDENTIFICADO

Impactos na saúde dos trabalhadores. – “Como é o sintoma do veneno? A gente sente tipo um cansaço; é uma canseira que não dá mais condição de trabalhar! Trabalhar com dendê não é pra qualquer pessoa, porque é um serviço muito cansativo! Eu acho que tem muitos que tá trabalhando com isso é porque tá precisando mesmo que se sente obrigado a ir, mas não que ele vá de vontade. Porque que é cansado é!” TRABALHADOR SOLICITOU NÃO SER IDENTIFICADO

“O cumpadre Nonato era funcionário da MARBORGES; uma folha com espinho caiu na mão dele e aleijou. Ele jogou a MARBORGES na justiça. Aí, quando foi este ano o filho dele foi se empregar lá, fichou. Quando ele já



**Apresentação de croqui por Maria do Carmo Cuimar Amaral, comunidade quilombola de São Bernardino. Território quilombola e Jambuaçu, município de Moju**



**Elaboração do croqui por um grupo de participantes da oficina na Escola de São Bernardino, Território quilombola de Jambuaçu. Município de Moju**



**Elaboração de croqui em grupo pelos participantes na oficina realizada na Escola da Comunidade de São Bernardino, território quilombola de Jambuaçu**

estava com 2 meses de serviço lá, descobriram que ele era filho do cumpadre Nonato e aí despediram ele na hora. Parece assim que ele tinha culpa do pai dele ter jogado a empresa na justiça". SENHORA MARIA DO CARMO CUIMAR AMARAL

### ***Doenças do amarelecimento do dendê e efeitos ambientais dos agrotóxicos nos territórios***

"Tem doença e muita! Amarelecimento? É isso! A flecha. Ah, tem tanta doença que não entra na minha cabeça, eu me esqueço tudinho. Dá muito tipo de doença, que eles tratam lá. A gente passa dia cortando o dendê, pra gente levar só o tutano da palmeira. E eles ficam tratando no laboratório. Essa doença eu acho que é mais numa área que dá, sabe? Uma área que tem pra lá aonde as plantas estão morrendo tudo. Aqui atrás, também tem. É eu só faço furar; muitas vezes eu já sei um pouquinho qual é o tipo da doença. Porque o cara vai explicando e a gente trabalha com esse tipo de serviço. Então, já vai pegando, sabe? E tem muito tipo de doença, que eles dizem, né?"

"Eu não trabalho com esse tipo de serviço, com motosserra, sabe? A gente não tem um serviço fixo assim, todo o dia. Por exemplo, a gente chega lá, e aí pega o serviço que o patrão dá, uns dão pra mim... matando as plantas às vezes, né? Um sai com a motosserra, outro vai aplica o veneno, aí vai, ela morre. É porque elas já estão morrendo, já estão velhas. Outras não; as outras estão pequeninas, estão com a doença; então, a gente vai pra lá, procura dar amor pra poder plantar em outro lugar". SENHOR JANIO BEZERRA DA SILVA

"Os agrotóxicos... O veneno escoava da fábrica e caía tudo dentro do Rio Jambuaçu. Agora parece que fizeram uma vala pra jogar dentro, mas é bem provável que ainda esteja contaminando os igarapés". SENHOR DOMINGOS DOS PASSOS

"Olha, daqui pra cá, ainda existe igarapé. Daqui pra lá é só campo. O igarapé secou. Olha professora, eles acabaram aqui também por causa do desmatamento. Daí secou as cabeceiras dos igarapés. Por causa dessas sujeiras que desce aí na água, agora não dá mais pei-

### ***Carta aberta***

*Em ocasião do lançamento do Projeto Bio-Diesel em Tomé-Açu (PA)*

Companheiro Lula, Companheira Ana Julia,

Bem vindos à nossa terra.

A agricultura familiar em todo o Nordeste Paraense, particularmente nos municípios de Bujaru, Concórdia, Acará e Tomé Açu, está atolada num sistema produtivo obsoleto de corte e queima, prejudicial ao meio ambiente e incapaz de produzir os alimentos e a renda de que o pequeno tanto precisa.

Pela ausência e omissão quase total dos órgãos governamentais encarregados da formação dos nossos agricultores, pela falta de recursos humanos, de estruturas e equipamentos, a agricultura familiar da nossa região não conseguiu superar a fase da subsistência e se encontra incapaz de enfrentar os desafios da economia de mercado e atender as oportunidades abertas pelos programas federais.

As nossas autoridades, induzidas por políticos inescrupulosos e fazendeiros gananciosos, unidos numa jogada especulativa, escolheram o Nordeste Paraense, a nossa Região, para a implantação do grande Projeto de Bio Diesel.

O plantio extensivo de dendê, um descarado latifúndio destinado à monocultura, desafia qualquer princípio sócio-ambiental: usa com sarcasmo a máscara do reflorestamento, avança como um rolo compressor sobre as nossas matas e capoeiras, sobre nossas roças, nascentes e igarapés, compra lotes despejando famílias para as periferias e as favelas, empurrando nossos jovens para o plantio e o tráfico de maconha.... O plantio do dendê, na forma em que está sendo implantado, concentrando terras e renda, ignorando a biodiversidade e a sustentabilidade, está engolindo o futuro do nosso povo e armando mais uma bomba relógio por causa das mudanças climáticas e da falta de terras para a produção de alimentos.

Nós queremos ver os técnicos do INCRA e do ITERPA demarcar e legalizar nossas terras, queremos ver os técnicos da EMATER presentes nas comunidades orientando e informando, queremos ver o MDS e o MDA implementando projetos de desenvolvimento sustentado com estruturas e equipamentos, queremos ver os fiscais do IBAMA e da SEMA exigindo de fazendeiros e empresários o cumprimento das leis ambientais.

O nosso povo pede socorro porque quer sair da dependência dos mestres da politicagem e superar o assistencialismo da Bolsa Família. Contando com vossa reconhecida sensibilidade à voz do povo, queremos garantir um futuro melhor para a nossa terra e para os nossos filhos.

Coordenação da ABAA

xe. Antes o meu marido cansou de pegar muito peixe, agora ele nem vai mais, porque não tem”.

“Essa água não dá nem pra tomar banho, muito menos beber. Se a gente for tomar banho, a gente volta de lá cheio de coceira”. SENHORA MARIA DO CARMO CUIMAR AMARAL

“O Jambuaçu é nosso igarapé. A VALE passou bem próximo dele e colocou uns tubos de ferro. Agora que os tubos arrebentaram, a gente não mexe com aquela água. Tem um rapaz ali embaixo que chama até sulfato ferroso pra nossa água. A mandioca a gente coloca de molho. Aí, a gente tem que tirar a água bem limpinha, sem levantar, que é pra poder lavar bem a mandioca.”

“Antes, a gente usava a água do igarapé pra beber, ela era limpinha. Agora, a gente olha lá no fundo tá tudo sentado, só ferrugem”. SENHORA MARIA DO CARMO CUIMAR AMARAL

“Tem um senhor ali pra baixo que plantou dendê nas terras dele só pra vê como era o plantio, mas o dendê tá acabando com as pupunheiras dele”.

**Georreferenciamento de igarapé contaminado com agrotóxicos utilizados no cultivo do dendê pela Biopalma**



## Quilombolas de Jambuaçu definem posição contra o dendê

“Eu acho que eu não pegaria nenhum projeto de dendê. - A MARBORGES mandou convite pra cá, pra gente entrar no projeto, mas aqui ninguém se dedicou. Eu acho que nós, quilombola, quando a gente pega uma terra nesse no projeto, a gente acha que vai ser patrão, mas a gente tem que ter consciência que vai ser empregado. A gente já sobreviveu desta terra! Se a gente pegar um projeto desse a gente vai destruir todo o nosso território. Se as pessoas plantarem mais dendê, daqui a um tempo não vai mais nem existir mandioca. Acho que isso é só um sonho, um sonho alto!” Trabalhador solicitou não ser identificado

“A VALE não quer pagar ninguém, muito menos ajudar alguém com dendê! A Biovale quer é destruir!” SENHORA MARIA DO CARMO CUIMAR AMARAL

### Projetos de dendê e inclusão da agricultura familiar

Nas reuniões promovidas por Sindicatos para cadastramento de candidatos ao Programa Palma de Óleo, os agricultores familiares são convocados e recebem uma informação fragmentada e unilateral sobre os objetivos e as vantagens da regularização fundiária, e, mais recentemente, de projetos de cultivo de dendê. Em geral, a platéia é silenciosa. O agricultor familiar é levado a adquirir confiança no projeto empresarial, transformando-o no seu próprio “sonho” e realizável: terra, emprego, “salário”, “bom” crédito, consumo de alguns bens e reconhecimento, para o qual contribui a propaganda da

empresa falando da experiência dos “bem sucedidos”, que definitivamente abandonaram a roça de mandioca para abrir um próspero dendezal<sup>1</sup>.

A EMBRAPA, agência de pesquisa, divulga semelhante discurso sobre as vantagens do cultivo do dendê, reproduzindo uma visão dicotômica dos agentes sociais: aqueles que adotam esses “sistemas perenes, produtivos e altamente valorizados.... irão absorver grande parte da mão-de-obra rural, atualmente empenhada em agricultura itinerante, em extração ilegal de madeira, atividades de baixa produtividade, baixos benefícios sociais e considerável poder de destruição da floresta amazônica” (EMBRAPA, 2002).

1. O folder de divulgação da BIOVALE registra uma frase triunfalista: “O futuro está na palma”. “Da mão que planta, que cuida, que colhe com dedicação”. Em vídeo sobre o projeto oferece a oposição de imagens e de falas: sobre as roças o discurso é de muito trabalho, vida na pobreza; em oposição aos cultivadores de dendê: vida sossegada e dando passos para a prosperidade.

A grandeza da expansão do dendê causa uma fricção sobre impactos sociais e ambientais, mas são sequer indicados nas reuniões. O dendê é o futuro do Nordeste do Pará. Esta é uma das estratégias na “guerra do dendê”, que persegue terras para o cultivo, agricultores familiares cadastrados e, que ficaram integrados, o que é definido como “inclusão social” no Programa Nacional de Produção de Biodiesel, na obtenção do “Selo Verde”.

ORÇAMENTO PARA O FINANCIAMENTO DO PEQUENO PRODUTOR						
ATIVIDADES						
PLANTIO DE DENDZHEIROS						
Limpeza da área	20,00	hd	20,00	3.200,00	15/02/2011	
Fiquetes e piqueteamento Semeio de puerária	20,00	hd	20,00	400,00	15/02/2011	
Distribuição-covani-adub-plantio	75,00	hd	20,00	400,00	15/02/2011	
Covaniamento das mudas	20,00	hd	20,00	400,00	15/02/2011	
Mudas de dendê Sementes de puerária	14.300,00	und	10,00	14.300,00	15/02/2011	
Adubo fosfatado reativo	10,00	kg	30,00	300,00	15/02/2011	
Livras de raspas de couro cano longo	450,00	kg	0,54	243,00	15/02/2011	Média de 500,00 ao mês
Manutenção dendêzal ano I	3,00	par	7,00	21,00	15/02/2011	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	10,00	hd	20,00	1.500,00	10/04/2011	Média de 500,00 ao mês
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	75,00	hd	20,00	1.500,00	10/10/2011	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	10,00	ha	25,00	1.825,00	10/01/2012	Média de 541,67 ao mês
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	65,00	hd	23,00	1.825,00	10/04/2012	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	65,00	hd	23,00	1.825,00	10/07/2012	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	65,00	hd	25,00	1.825,00	10/10/2012	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	10,00	ha	28,00	1.880,00	10/01/2013	Média de 560,00 ao mês
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	60,00	hd	28,00	1.880,00	10/04/2013	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	60,00	hd	28,00	1.880,00	10/07/2013	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	60,00	hd	28,00	1.880,00	10/10/2013	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	30,00	hd	28,00	840,00	10/10/2013	
Colheita de cachos e frutos frescos	3,00	par	10,00	30,00	10/01/2011	Média geral de 533,89 ao mês
Npk ano I	3.950,00	kg	1,18	4.882,00	10/01/2011	
Npk ano II	1.500,00	kg	0,54	821,00	10-04/2011	
Npk ano III	5.000,00	kg	1,28	6.400,00	10/02/2012	
Npk ano IV	2.600,00	kg	0,59	1.334,00	10/02/2012	
Npk ano V	7.000,00	kg	1,40	9.800,00	10/02/2013	
Npk ano VI	3.600,00	kg	0,88	3.340,00	10/02/2013	
TOTAL 64.631,00						

ORÇAMENTO PARA O FINANCIAMENTO DO PEQUENO PRODUTOR						
ATIVIDADES						
PLANTIO DE DENDZHEIROS						
Limpeza da área	20,00	hd	20,00	3.200,00	15/02/2011	
Fiquetes e piqueteamento Semeio de puerária	20,00	hd	20,00	400,00	15/02/2011	
Distribuição-covani-adub-plantio	75,00	hd	20,00	400,00	15/02/2011	
Covaniamento das mudas	20,00	hd	20,00	400,00	15/02/2011	
Mudas de dendê Sementes de puerária	14.300,00	und	10,00	14.300,00	15/02/2011	
Adubo fosfatado reativo	10,00	kg	30,00	300,00	15/02/2011	
Livras de raspas de couro cano longo	450,00	kg	0,54	243,00	15/02/2011	Média de 500,00 ao mês
Manutenção dendêzal ano I	3,00	par	7,00	21,00	15/02/2011	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	10,00	hd	20,00	1.500,00	10/04/2011	Média de 500,00 ao mês
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	75,00	hd	20,00	1.500,00	10/10/2011	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	10,00	ha	25,00	1.825,00	10/01/2012	Média de 541,67 ao mês
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	65,00	hd	23,00	1.825,00	10/04/2012	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	65,00	hd	23,00	1.825,00	10/07/2012	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	65,00	hd	25,00	1.825,00	10/10/2012	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	10,00	ha	28,00	1.880,00	10/01/2013	Média de 560,00 ao mês
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	60,00	hd	28,00	1.880,00	10/04/2013	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	60,00	hd	28,00	1.880,00	10/07/2013	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	60,00	hd	28,00	1.880,00	10/10/2013	
Coram, rebaixo, cont. roed e adubação	30,00	hd	28,00	840,00	10/10/2013	
Colheita de cachos e frutos frescos	3,00	par	10,00	30,00	10/01/2011	Média geral de 533,89 ao mês
Npk ano I	3.950,00	kg	1,18	4.882,00	10/01/2011	
Npk ano II	1.500,00	kg	0,54	821,00	10-04/2011	
Npk ano III	5.000,00	kg	1,28	6.400,00	10/02/2012	
Npk ano IV	2.600,00	kg	0,59	1.334,00	10/02/2012	
Npk ano V	7.000,00	kg	1,40	9.800,00	10/02/2013	
Npk ano VI	3.600,00	kg	0,88	3.340,00	10/02/2013	
TOTAL 64.631,00						

### Despesas dos agricultores familiares que entram nas chamadas parcerias

## Os que fizeram "a parceria"

"Olha, umas 20 pessoas, mas parece que só 10 passaram, porque depende do tamanho da terra, só passa de 10 hectares pra frente".

No Alto Moju, a minha família, as minhas tias, elas estão todas na cidade porque no Alto Moju eles plantaram dendê; eles não deram conta de manter; a empresa foi lá e expulsou eles. Eles não tiveram mais terra pra tomarem de conta e agora estão aí na cidade." SENHORA MARIA DIENE CUIMAR DA SILVA

"As empresas que estão entrando na região são Agropalma, Biopalma, Biovale e a Marborges e o Jardel, empreiteiro da Biovale, é pré-candidato a prefeito". SENHOR FERNANDO SILVA

"Olha, minha gente, está claro pra nós? É que nós se alerte. Que nós não negociamos com firma nenhuma, porque se um de nós negociar com firma, aí vai se prejudicar todos nós, porque esse pedaço de terra que nós tem ainda aí, nós tem que preservar o máximo que nós puder! Porque se nós doar o pedaço de terra que nós tem, aí sim, nós só vai ficar na pior! Que cada um de nós, que entre na nossa mente, que nós não negociamos como esses empresários. Ainda que eles metam conversa na nossa cabeça, mas nós tem que se livrar deles de qualquer maneira. Se até hoje a gente teve como sobreviver sem dendê, né? Até agora a gente tá vivo, né?" SENHOR CATARINO DE JESUS

"Tem família aqui que tem um pedaço de terra bonito, mas tem 10 famílias pra sobreviver desta terra. Nós, da minha família, nós temos 3 mil e poucos metros de terra, mas nos somos 70 famílias! Aí nós vamos doar pra uma empresa dessa pra plantar dendê; aí eu vou querer chegar lá como se fosse o dono porque sou eu que vou

plantar dendê, mas e o resto? Pra onde eu vou com a minha cara? Não senhor! Isso aqui é nosso! Pra plantar mandioca, verdura, o que nós precisar, tá aqui". SENHOR DOMINGO DE JESÚS MALCHER

Olha, pra cá pra esse meio então não ouvi falar, só lá pra banda das cabeceiras do Jambuaçu, pra lá tem. ... Mas eu já ouvi falar, eles vão liberar pra fazer. Disseram que era pra eles fazer porque estão ocupando muito espaço de terra. Tá saindo verba pra isso, né? Sessenta mil reais (R\$60.000,00)! Olha, eu ouvi falar que vai ter uma pessoa que vai passar o tempo todo a informação, que vai ficar com o agricultor, é um técnico". SENHORA MARIA DIENE DO SOCORRO CUIMAR DA SILVA

"É, já fizeram essa reunião, só que nesse dia eu não fui lá, então eu só ouvi os comentários, sabe? Não me informaram o que fizeram, mas tá com pouco tempo. Não sei, eu só ouvi só ouvi os comentários, sabe? Porque a firma queria tomar as terras do pessoal; então o pessoal ficou com medo e não fizeram mais. Na comunidade do Jucuuba tem varias famílias quilombolas que fazem parte do projeto do dendê com a empresa BioVale. Eles fazem o projeto e, daí, aprovam pra várias pessoas poderem trabalhar lá. Eu só não sei lhe dizer, porque eu não participei". SENHORA MARIA DO CARMO CUIMAR AMARAL

## Venda de lotes e terras de pequenos produtores

Nos últimos cinco anos, as vendas de terras no Nordeste do Pará aumentaram em número e valor, indicadores da procura de terras "aptas" para cultivo de dendê. Vendas

e arrendamentos não são situações diretamente observadas nas fontes estatísticas. O único instrumento de controle e conhecimento seria a transação em cartórios. A consulta a estas instituições torna-se um fracasso. Os donos de cartório mantêm sigilo sobre estas operações.

As vendas realizadas pelos pequenos agricultores foram informadas durante as entrevistas e oficinas. Foi mencionado que, no início, os imóveis (lotês de 25 a 50 hectares) foram negociados entre cinco mil reais (R\$ 5.000,00) a dez mil reais (R\$ 10.000,00), dependendo da localização. Aos poucos, o preço foi elevando-se e era feita a exigência de imóveis desmatados, com documentos. As compras de lotês com cobertura vegetal foram condicionadas à sua retirada. Atualmente, o preço dos lotês se calcula que ficou multiplicado por dez. Médias e grandes fazendas foram adquiridas por preço mais vantajoso.

O arrendamento é feito pelas fazendas que têm as vantagens de localização na margem de estrada e já desmatadas. Os arrendamentos constituem contratos específicos e não são acessíveis para os pesquisadores.

## Posição da Via Campesina sobre os agrocombustíveis

“...Não podemos chamar esse programa de biocombustível e muito menos de biodiesel. A expressão “bio” que relaciona energia à vida, de forma genérica, é uma clara manipulação de um conceito que não existe. Devemos adotar sim, em todos os idiomas, o conceito de agrocombustíveis. Ou seja, energia gerada a partir de produtos vegetais oriundos da produção agrícola. Embora reconheçamos que o prefixo agro, ainda é muito genérico, e nossos cientistas estão estudando um novo conceito mais preciso.

Concordamos que o uso de agro-combustível é mais adequado para o meio ambiente do que o petróleo. No entanto, ele não afeta a essência do problema da humanidade, que é a atual matriz energética e de transporte, baseado no uso de veículos individuais. Defendemos a substituição radical da atual forma consumista e poluente de transporte individual, pelo transporte coletivo, através de trens, metros, bicicletas, etc.

Não aceitamos que esse plano use produtos agrícolas destinados atualmente à alimentação humana, como milho, soja, girassol, etc., para transformá-los em energia para automóvel.

Mesmo no caso da produção necessário do agro-combustível, devemos produzi-lo de uma forma sustentável. Ou seja, combatemos o atual modelo neoliberal de produção

em grandes fazendas e na forma de monocultivo desses produtos. O monocultivo em grande escala é prejudicial ao meio ambiente e expulsa mão-de-obra do campo.

A monocultura afeta o aquecimento do planeta, pois destrói a biodiversidade e impede que a água e a umidade das chuvas se mantenham em equilíbrio com a produção agrícola. Além disso, faz uso intenso de agrotóxicos e máquinas.

Podemos produzir energia, combustível, a partir de produtos agrícolas, porém cultivados de forma sustentável, em pequenas e médias dimensões, que não desequilibrem o meio ambiente e que representem uma maior autonomia dos camponeses no controle da energia e no abastecimento das cidades... “ 2007 VIA CAMPESINA, WWW.MST.ORG.BR/NODE/3732

## Falas de lideranças quilombolas no Seminário “Os impactos sociais e ambientais dos investimentos em dendê no Pará” realizado no dia 21/10/2013.

Os senhores Manoel Clauderi Coutinho da Luz e José Francisco Maciel, presidentes respectivamente da Associação dos Quilombolas Unidos do Rio Capim – AQURC e da Associação de Remanescente de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará – ARQUINEC e Sebastião Pereira da Costa, Secretário de Marketing da Associação Bujaruense de Agricultores e Agricultoras – ABAA descreveram as situações sociais complexas advindas com a expansão do dendê: “caracterização e descaracterização de muitas comunidades e o esmagamento das comunidades tradicionais”, “aumento das famílias dos assentamentos que estão dentro do programa e que estão na fronteira das terras quilombolas”; “elevação da pressão sobre as terras e sua ‘valorização’”, inclusive com invasão dos territórios por pessoas que estão prontas a entrar com o dendê. Segundo Manoel Clauderi da Luz a produção de alimentos é cada vez mais difícil. O presidente da ARQUINEC destacou que o dendê chegou desde 2006, o que era uma realidade e hoje é outra. Em Castanhalzinho e KM 37 houve ‘inflacionamento, pois as pessoas venderam suas terras e ali se instalou a empresa Biovale e ali surgem os prejuízos que estamos levando”. Afirmou o senhor Maciel que não foi o dendê mas a venda das terras o que se deve procurar conhecer”. Destacou que a titulação coletiva para a ARQUINEC não foi completada, pois ainda o título não está registrado em cartório. Isto provoca inseguranças. Ainda, insistiu na sua fala sobre a pressão do CAR para os agricultores, também sobre os quilombos, mas que a Biovale não apresenta o CAR, nem o licenciamento ambiental. Conclui que o

“prejuízo maior é para o povo” citando o desmatamento da nascente do igarapé Cravo, o rio Arapiranga que também estão contaminados com os agrotóxicos. O senhor Sebastião Pereira da Costa mencionou as “estratégias de sedução para o dendê” e que escondem para os agricultores o “ganho real quando se trabalha respeitando o meio ambiente”. A ABBA reúne os produtores de abelha dos municípios de Concórdia do Pará e Bujaru que estão reconhecendo os efeitos da expansão do dendê com a queda da produção da apicultura. O dendê – apontou o senhor Pereira – significa perder autonomia para viver e trabalhar dentro de um território.

### Assassinato de Artêmio Gusmão líder quilombola do Alto Acará

O líder quilombola Artêmio Gusmão (conhecido por Alaor), foi morto e esquartejado no dia 04 de julho de 2014. Dois irmãos do líder quilombola os senhores Abiair Amaral Gusmão e Josivani Amaral Gusmão, já haviam

sido assassinados no ano retrasado devido, também, a conflitos fundiários. Artêmio Gusmão era da comunidade quilombola Mancaraduba e membro da Associação de Moradores dos Quilombos do Alto Acará (AMARQUALTA). As terras localizadas no município do Acará, nos limites com Tailândia e Tomé Açu entraram nas disputas de espaços para expansão do dendê. Ameaças, tentativas de homicídio aos integrantes da comunidade ocorrem desde 2012. A área é disputada com a empresa BioVale (uma empresa da Vale S.A.) e compreende um território quilombola em processo de reconhecimento perante o Instituto de Terras do Pará (Iterpa). Indivíduos que querem vender suas terras para a empresa, que desenvolve no local atividades de plantação e extração de dendê por intermédio da Biopalma protagonizam diretamente o conflito, conforme depoimentos dos quilombolas que consideram que as mortes têm relação com a disputa pelas terras, pois em razão dos valores pagos pela BioVale quando da compra das terras as disputas se acirraram.

### Manifestação da Malungu

“A Coordenação das Associações das Comunidades Quilombolas do Estado do Pará (Malungu) vem a público manifestar o mais profundo pesar pela trágica morte do quilombola Senhor Artêmio Gusmão, conhecido como Senhor Alair. Pouco se sabe sobre o fato ocorrido, mas a informação que temos é que após ser capturado em uma emboscada por um grupo armado, o Senhor Alair foi brutalmente decapitado e não teve qualquer chance de reação e defesa. O caso já está sendo apurado pela Polícia Civil e terá o acompanhamento da assessoria jurídica da Malungu e também do Ministério Público do Estado. Sentimos pelo que aconteceu e lutaremos para que justiça seja feita”.



Indicação no croqui do território atingido pelo monocultivo do dendê

B688 Boletim informativo Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 9 (set. 2014) – Manaus: UEA Edições, 2014

v.: il.; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth AcevedoMarín (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN2358-6672

1. Conflitos sociais – Amazônia– Periódicos.2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)



Afrodescendentes de Colômbia, Quilombolas do Brasil e pesquisadores de vários países estiveram reunidos durante as Jornadas Mapeo de Territorios de Pueblos y Comunidades Tradicionales en la Pan-Amazônia ante el avance de las agroestrategias y otras amenazas territoriales realizada em Cartagena de Indias, Colômbia (29/5 A 2/6/2013) para aprofundar reflexões sobre identidades coletivas, direitos territoriais e étnicos e unidades de mobilização nas sociedades da Pan-Amazônia. No evento destacou-se o processo de expansão de um conjunto de medidas designadas como 'agroestratégias' que se referem aos interesses empresariais vinculados aos agronegócios e à mineração que incorpora novas terras aos empreendimentos econômicos, em especial nesta região, provocando a desterritorialização, além da contaminação do ambiente. Tais empreendimentos ocasionam perdas da biodiversidade com efeitos sociais dramáticos para esses povos. Nas mesas Direitos étnicos e territoriais em colisão com as estratégias empresarias e Agroestrategias, expansão de monocultivos e Povos Tradicionais na Pan-Amazônia. No evento teve relevancia o cultivo do dendê e visita a comunidades cercadas pelo dendê. O consenso de movimentos e pesquisadores é encontrar instrumentos para deter a expansão dessa monocultura na Pan-Amazônia.

Tais problemáticas de conhecimento acadêmico e político abordaram-se paralelamente nos projetos de pesquisa: "Territórios, identidades coletivas e direitos dos povos e comunidades tradicionais face às intervenções desenvolvimentistas na Pan-Amazônia" (2010-2011) e "Mapeamento social de povos e comunidades tradicionais na Pan-Amazônia: uma rede social de consolidação" (2011-2013) realizados com o apoio especial das universidades da região Pan-Amazônica e da Fundação Ford.



PROJETO  
**Mapeamento  
Social**

ISSN 2358-6672

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

